

ALGARVE

ilustrado

A-5/2



**A CRISE DA LAVOURA
A FALTA DE PEIXE
MAL-ESTAR NA INDÚSTRIA HOTELEIRA
ALGARVE PARAÍSO DE BELDADES**

N.º 7
AGOSTO DE 1969
5\$00

UMA REVISTA DO ALGARVE PARA OS PORTUGUESES DE TODO O MUNDO



A GENTE HUMILDE
SOFREU
DURAMENTE
A INVERNIA
PASSADA, E SE,
EM VÁRIOS
PONTOS,
COMO EM
QUARTEIRA,
MUITO SE
RECUPEROU JÁ,
NOUTROS
REINA AINDA
A DESOLACÃO.
SEM UM ESFORÇO DE
DESENVOLVIMENTO
ECONÓMICO
ABRANGENDO
O CAMPO,
A PESCA,
E A PECUÁRIA,
E ELEVANDO
O BEM-ESTAR
E O NÍVEL DE VIDA
DAS POPULAÇÕES,
OS EFEITOS
DA INVERNIA
DEIXARÃO SEMPRE
AS SUAS CRUÉIS
MARCAS.
E, QUANDO
NOVO INVERNO
CHEGAR,
ACRÁVÁ-LAS-ÃO.



PASSOU UM INVERNO IMPIEDOSO MAS É PRECISO AUMENTAR OS RECURSOS ECONÓMICOS PARA UMA TOTAL RECUPERAÇÃO DOS ESTRAGOS



O Inverno de 1968/69 ficará na história do Algarve como um dos mais dolorosos das últimas dezenas de anos. As forças da Natureza investiram contra a nossa província com toda a sua fúria, como se quisessem experimentar o poder da resistência dos algarvios, à miséria e à destruição.

Em Janeiro, foram as cheias que atingiram Olhão, Tavira, Faro, Castro Marim, submergindo automóveis, inundando escolas, abrindo fendas, rebentando embarcações. A linha férrea entre Loulé e Boliqueime, as estradas de todo o litoral, caminhos e ruas estiveram impedidos de trânsito. Em Tavira, o comércio fechou as portas com barras de gesso, para evitar prejuízos catastróficos.

A onda de desgraças que desabaram sobre o Algarve, sucederam-se depois, a falta de peixe (de que vivem muitos milhares de famílias, quer na pesca, quer na indústria de conservas) e até o aparecimento de lobos, em regiões como a de Castro Marim, onde as feras dizimaram dezenas de ovelhas.

A 28 de Fevereiro, deu-se o tremor de terra — acontecimento que deixou sem lar e sem haveres centenas de comprovincianos nossos. A situação atingiu as raízes do desespero, ocorrendo à nossa província, o ministro das Obras Públicas, primeiro, e o Presidente do Conselho, depois, para observarem os estragos causados pelo sismo.

A crise na indústria hoteleira agravou-se, armadores e industriais de conserva defrontaram uma angustiada crise económica e, por toda a parte, se ouvem lamentos e preocupações pelo futuro.

Na Assembleia Nacional, levantaram-se as vozes do coronel Sousa Rosa e do almirante Tenreiro, expondo a dolorosa situação que o Algarve atravessa e que urge enfrentar com decisão antes que os estragos deste doloroso Inverno se possam tornar irreparáveis.

Afirmá-lo, porém, não chega. É preciso passar à acção, dar novas estruturas ao Algarve, garantir aos filhos desta província, um desenvolvimento ao ritmo das exigências do mundo actual.

Falando, recentemente, à população da Guiné — que definiu como «um pequeno espaço territorial sem recursos próprios que permitam desenvolver estruturas económico-sociais» — o governador desta província ultramarina, afirmou:

«...A Nação canalizou para esta província, avultadas verbas que vão permitir ao Governo, construir uma Guiné melhor, com boas estradas alcatroadas, portos fluviais, mais escolas e estabelecimentos do ensino liceal e técnico, possibilitando uma selecção dos melhores e o natural acesso aos lugares mais altos da administração.»

E, continuando, disse o brigadeiro António Spínola:

«Uma Guiné com larga rede de hospitais, maternidades e postos de socorros, mais aglomerados populacionais urbanizados à luz das solicitações do progresso. Uma Guiné industrializada para pleno aproveitamento dos recursos agrários, pecuários e piscatórios.»

A terminar, disse o governador da província:

«A Guiné não se encontra só no Mundo, antes, constitui parte integrante da Nação Portuguesa, a quem compete o imperativo, pela sua própria estrutura constitucional, de fomentar o desenvolvimento no seu todo.»

Lê-se Algarve onde se lê Guiné, e, decerto, estas belas palavras de tão corajoso militar português poderiam ser perfilhadas com entusiasmo por todos os algarvios, de todas as condições sociais.

O avanço espectacular que, em certos aspectos turísticos, a nossa província deu, na sequência de um desenvolvimento observado em todo o Sul de Espanha, precisa de alicerces em que o povo algarvio participe plenamente. Possam eles ser erguidos com decisão e urgência — e os efeitos deste Inverno que fustigou a nossa terra, poderão ser de facto, esquecidos e remediados.

Mas, a continuarem as coisas e as pessoas à mercê das fúrias dos elementos, como até aqui, jamais se estancarão as tendências emigratórias que roubam ano após ano, a esta província, milhares dos seus mais activos e sabedores filhos.

A Guiné é uma peça fundamental da História da Nação, mas o Algarve não o é menos, quer pela sua acção nos descobrimentos, na expulsão dos exércitos franceses, no destróçar das tropas espanholas que tentaram a conquista de 1805, quer, ainda, pelo papel fundamental que pode vir a desempenhar no futuro de Portugal, pelas suas excepcionais possibilidades no conjunto de um País que precisa de fazer do Turismo, a sua maior riqueza económica.

